

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE JUNHO DE 1911

N.º 298

Homenagem a Luíz de Camões



O cortejo civico junto ao monumento do grande epico — O sr. Anselmo Braancamp Freire, presidente da Camara Municipal de Lisboa, discursando

(Phot. de J. Benolic)

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

O tempo. — A exposição pecuária promovida pela Associação Central de Agricultura. — A festa da cidade: a homenagem a Camões. — O épico rival de Santo António, a força — O despique do thaumaturgo. — Tres almirantes e um lord. — Ouro em barda e navios por uma pã velha — Grêve dos trabalhadores rurais. — Juramento de bandeiras em cavallaria 2 e 4. — Primeira communhão e distribuição de premios.

ANTES de mais nada, deixem-me lavrar um solemne protesto contra a intemperie. Isto, realmente, passa da marca. Frio no meiado de junho, com chuvas grossas e humidade só no anno de graça, ou de desgraça, de 1911. E' de pasmar.

Mas é assim mesmo. Para escrever estas linhas acabo de despir o sobretudo com que vim da rua, pois não me atrevi, ás 11 horas da manhã de 14 d'este memoravel junho, a sair sem esse agasalho.

O mau tempo tem prejudicado tudo: colheitas, festas e festanças. Anda toda a gente descontente com este estado de coisas, mas não ha volta a dar-lhe. Dos menos descontentes não deve ser a Associação Central de Agricultura que viu prejudicado o seu concurso pecuario, um dos mais gratos e notaveis acontecimentos da quinzena.

Effectivamente foi muito prejudicado pela insistente invernia, que affectou a concorrência que começa a notar-se n'este genero de certamens, o concurso realiado no parque do Campo Grande, terceira exposição das raças turina e hollandesa. Ainda assim decorreu animado, concorrendo numerosos expositores com exemplares lindissimos em vacas, touros e vitellos.

A classificação foi feita pela junta technica composta dos srs. Avila Horta, Roque Pedrosa, Sampaio Andrade e Francisco Pinheiro de Mello e pelo jury constituído pelos representantes do Instituto de Agronomia, da Sociedade de Medicina Veterinaria, Sociedade das Sciencias Agricomicas e Escola de Medicina Veterinaria.

O primeiro premio foi conferido á vacca *Joia*, que no anno anterior obtivera a mesma classificação. O segundo e terceiro premios foram conferidos aos exemplares apresentados pelos srs. Leitão & C.^ª.

Como se sabe, a Camara Municipal de Lisboa escolheu, para a festa da cidade, o dia 10 de junho, consagrando-o a Camões, que em igual dia de 1580 deixou a ditosa patria sua amada porventura com poucas saudades, em tal estado de penuria que nem um lençol possuia para n'elle lhe embrulharem o corpo emagrecido pela fome.

Comquanto pareça que qualquer homenagem a Camões deve revestir caracter collectivo, isto é, deve partir de todo o paiz, e não apenas da cidade, a ideia foi acolhida geralmente com sympathia. Camões não é popular ainda hoje, a despeito do seu ruído tricenário, da sua estatua no Loreto e das referencias que a cada passo lhe fazem os oradores verbosos e os publicistas campanudos. A multidão julga que assim lhe chamavam, *Camões*, por ser cego d'um olho. E tanto que, á passagem de qualquer creatura em taes circumstancias, se ouve a cada passo esta phrase: «Olha, aquelle gajo é Camões!» Mas isto não obstou, não podia obstar, á acquiescencia do povo á consagração do poeta que elle não conhece. Por dois motivos: o primeiro, pela ideia ter partido da municipalidade que gosa de geraes sympathias; o segundo, porque embora estejam (como tenho ouvido dizer) muito modificados os nossos costumes, um dia de festa, seja lá a quem lór, não se recusa. Depois...

Depois, havia empenho em pôr em cheque outro grande personagem, Santo Antonio de Lisboa, cujo dia votivo é o de 13, e que frue, a despeito do seu habito fradesco, de uma sympathia muito generalizada, mórmente entre as raparigas. Santo Antonio soube-se conduzir. Nunca fez politica, entre nós. Soube viver bem com toda a gente. Salvas as devidas proporções, foi o dr. Santos Farinha do seu tempo, com um berbicho a mais: o de concertar miraculosamente bilhas, coisa de que ninguem accusou ainda o illustre prior de Santa Izabel.

Ora o processo de *furar* a festa a Santo Antonio foi o que usam os empresarios que sabem estar em ensaios no theatro do rival tal peça: pôl-a em scena primeiramente. Assim se fez. Camões teve, na sua praça em volta da sua estatua, um verdadeiro ar-raial: bandeiras em meia duzia de mastros, cartões com versos da sua lavra em pequenos postes, um coreto pelas costas e lampadas electricas em volta de tudo isto. E teve os vasos de mangerico e teve as sinas — *sinas á Camões!*, ouvi eu gritar — e cornetas de barro, e gaitas e cantigas e descantes! E ainda o abastecimento da sua já vastissima bibliographia, pela venda profusa de varias publicações, uma das quaes me quizeram impingir á força, gritando-me aos ouvidos que se tratava de uma *Homenage e biographia á vida de Camões!*

Mas compensando, como cantava o Queiroz nos *Sinos de Cornville*, o épico teve um magestoso cortejo civico que desfilou durante duas horas junto da sua estatua, depositando flôres, corôas e palmas. O espectáculo, visto do ponto onde o observámos, foi realmente bello, imponente. No enorme cortejo tomaram parte todas as associações e gremios da capital, a camara, contingentes dos corpos da guarnição, representantes de todas as classes, fazendo-se representar o governo pelos seus membros mais prestigiosos.

O povo fazia o couce do cortejo e agglomerava-se nas ruas do transito e nas embocaduras das outras. Em duas palavras: festa pobre, mas bella.

HOMENAGEM A LUÍZ DE CAMÕES



O monumento ao immortal cantor das glorias portuguezas

(Phot. de A. C. Lima)

Tres dias depois calhou a vez a Santo Antonio. A expectativa era enorme. Como correrá isto? Haverá, não haverá festa? Quasi

missos, apenas sob palavra, e a construção do Arsenal de Mari-
nha na Outra Banda, e de uma esquadra, por quarenta e cinco
mil contos, pagos em annidades de tres mil.

O negocio ou negocios enthusiasmaram muita gente. Mas, va-
lha a verdade, muita outra ficou de pé atrás.



Homenagem a Luiz de Camões — O cortejo civico dando a volta ao Rocio

(Phot. de A. C. Lima)

se não respirava, á escuta do clangor das cornetas e barro de dos apitos da rapaziada...

Uma chuva miuda, silenciosa, persistente como o chôro d'uma grande magoa, começou a cair do ceu plumbeo ao fim da tarde. O desanimo entrou no arraial dos affectos ao Santo. Adeus, minhas encommendas! Lá se ia tudo pela agua abaixo. Espreitava-se á janella, olhava-se para o firmamento.

— Isto não pára!

— Isso sim!

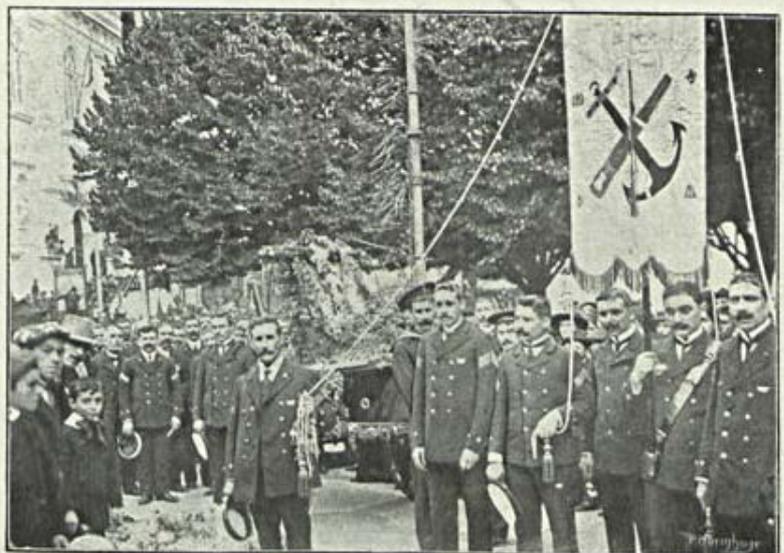
— E' para toda a noite!

E a chuva continuava miudissima, impertinentissima, arreliadora... As horas passavam. E ahi por volta das 9 ouviu-se uma gaita. Depois outra. Outra. Mais outra. E um rouxinol. E vinte. E cem. E cornetas. E por fim, muitas gaitas, muitos apitos, muitas cornetas. Um inferno. De vez em quando um concerto de violões gementes acompanhando vozes rudes que lançavam ao ar versos mais rudes ainda. Atravez da neblina enxergavam-se grupos bailando com enthusiasmo. E a onda crescia e ia espriar-se na praça da Figueira e no Rocio, onde a animação foi grande.

Eu não sei o que Santo Antonio diria com os seus botões; mas Camões certamente pensou que não ha uma grande diferença entre escrever os *Luçiadas* e prégar aos peixes.

Quando a fartura é grande, o pobre desconfia, diz a gente do Douro.

O governo parece ter deixado para segundas leituras, isto é,



Homenagem a Luiz de Camões — O cortejo civico — Os sargentos da armada

(Phot. de J. Benoitel)

Estiveram ultimamente em Lisboa tres almirantes inglezes, acompanhados de um *lord*, representante de estaleiros da Gran Bretanha, que vieram propôr ao governo dois negocios: um emprestimo de muitos milhões de libras, sem compro-

para o Parlamento, a resolução do caso e a nosso vêr procedeu muitissimo bem.

Nada, que o seguro morreu de velho.

- Parece não terem terminado as reivindicações do proletariado. Agora são os trabalhadores ruraes que pedem melhoria de situação e não se dirá que lhe escasseiam razões.

A gréve, no momento em que escrevemos, não assume propor-



Homenagem a Lulz de Camões. — O cortejo civico
— As enfermeiras dos hospitaes

ções graves e é de crêr que venha a resolver-se a contento de todos. Que assim seja.

A festa annual do juramento de bandeiras realisou-se, nos regimentos de cavallaria 2 e 4, aquartellados em Belem, no dia 12, com extraordinario luzimento. Ao acto assistiram as mais gradas auctoridades militares. Durante a tarde e a noite houve festejos

nas paradas dos dois quarteis e illuminação e baile no picadeiro de lanceiros 2.

Muita animação, muita alegria, como é proprio da rapaziada. Vinte annos! Ai, ai! lembrar-se a gente de que já teve d'isso!...

Duas outras festas merecem tambem menção: a da primeira communhão, em Santa Izabel, que foi concorridissima e muito brilhante, e a que assistiu o sr. arcebispo de Mytilene, e a distribuição de premios no Asylo D. Pedro V.

A falta de espaço não nos permite mais larga referencia a estes dois acontecimentos, bem dignos de melhor registo apezar de todos os pezares.

CAMARA LIMA.

ROSITA

Rosita sobe a encosta — O sol declina.
Rubro, atravez do pinheiral sombrio. —
Leva á cabeça o cantaro vazio,
A encher na veia d'agua crystalina.

Vae cantando em voz alta, que domina
O silencio da tarde; ao longe o rio
Desdobra-se nos campos como um fio,

Delgado e rutilante, de platina.
No alto da serra encontra o jornaleiro,
Aquelle mocetão rude e trigueiro

Que a amou e passa agora indifferente.
Rosita desce a encosta; vae calada,
No coração a raiva concentrada,
E os olhos marejados no poente.

MACEDO PAPANÇA.

(Conde de Monsaraç)



Homenagem a Lulz de Camões — Chegada do cortejo civico ao largo das Duas Igrejas

(Phot. de - Benollet)

O THESOIRO

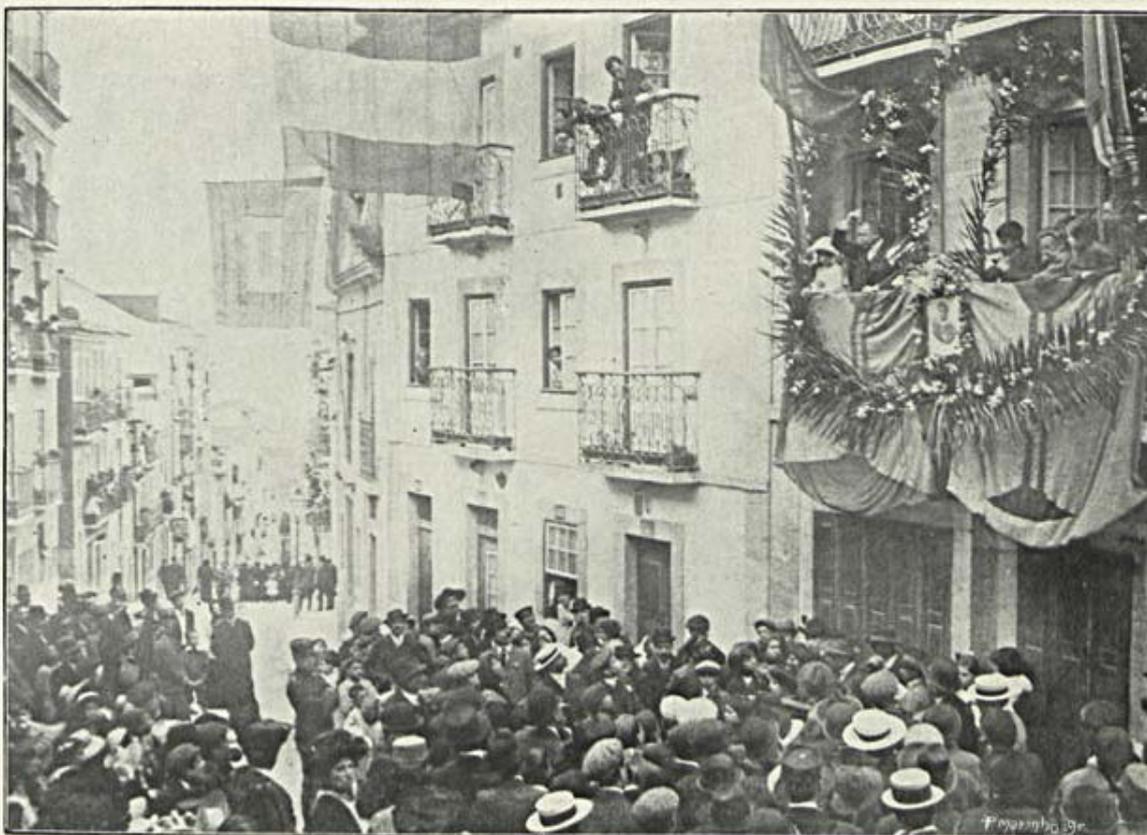
I

Os tres irmãos de Medranhos, Ruy, Guannes e Rostabal, eram então, em todo o reino das Asturias, os fidalgos mais famintos e os mais remendados.

Nos Paços de Medranhos, a que o vento da serra levava vidraça e telha, passavam elles as tardes d'esse inverno, engelados nos seus pelotes de camelão, batendo as solas rotas sobre as lages da cozinha, deante da vasta lareira negra, onde desde muito não estalava lume, nem fervia a panella de ferro. Ao escurecer devoravam uma cõdea de pão negro, esfregada com alho.

param nos cintos os cabos das grandes facas. Então Ruy, que era gordo e ruivo, e o mais avisado, ergueu os braços, como um arbitro, e começou por decidir que o thesouro, ou viesse de Deus ou do demonio, pertencia aos tres e entre elles se repartiria, rigidamente, pesando-se o ouro em balanças. Mas como poderiam carregar para Medranhos, para os cimos da serra, aquelle cofre tão cheio? Nem convinha que sahisses da matta com o seu bem, antes de cerrar a escuridão.

Por isso elle entendia que o mano Guannes, como mais leve, devia trotar para a villa visinha de Retortilho, levando já ouro na bolsilha, a comprar tres alforques de couro, tres maquias de cevada, tres empadões de carne e tres botelhas de vinho. Vinho e carne eram para elles, que não comiam desde a vespera; a cevada era para as eguas. E assim refeitos, senhores e cavalgadas, ensacariam o ouro nos alforques, e subiriam para Medranhos, sob a segurança da noite sem lua.



Homenagem a Luiz de Camões

As creanças da freguezia da Pena junto á casa onde falleceu Camões, na calçada de Sant'Anna, ouvindo discursar o professor Borges Grainha

(Phot. de J. Benoitel)

Depois, sem candeia, atravez do pateo, fendendo a neve, iam dormir á estrebaria, para aproveitar o calor das tres eguas lazarentas, que, esfaimadas como elles, roiam as traves da mangedoura. E a miseria tornára estes senhores mais bravios que lobos.

Ora, na primavera, por uma silenciosa manhã de domingo, andando todos tres na matta de Roquelanes a espiar pégadas de caça e apanhar tortulhos entre os robles, enquanto as tres eguas pastavam a relva nova de abril, — os irmãos de Medranhos encontraram por traz de uma moita de espinheiros, em uma cova de rocha, um velho cofre de ferro.

Como se o resguardasse uma torre segura, conservava as suas tres chaves nas suas tres fechaduras. Sobre a tampa, mal decifrável atravez da ferragem, corria um disticto em letras arabes. E dentro, até ás bordas, estava cheio de dobrões de ouro!

No terror e esplendor da emoção, os tres senhores ficaram mais lividos do que cirios. Depois, mergulhando furiosamente as mãos no ouro, estalaram a rir, em um riso de tão larga rajada, que as folhas tenras dos olmos, em roda, tremiam... E de novo recuaram, bruscamente se encararam, com os olhos a flammejar, em uma desconfiança tão desabrada, que Guannes e Rostabal apal-

— Bem tramado! — gritou Rostabal, homem mais alto que um pinheiro, de longa guedelha, e com uma barba que lhe cahia desde os olhos raiados de sangue até á fivella do cinturão.

Mas Guannes não se arredava do cofre, enrugado, desconfiado, puxando entre os dedos a pelle negra do seu pescoço de grou. Por fim, brutalmente;

— Manos! O cofre tem tres chaves...

Eu quero fechar a minha fechadura e levar a minha chave!

— Tambem eu quero a minha, mil raios! — rugiu logo Rostabal.

Ruy sorriu. Decerto, decerto! A cada dono do ouro cabia uma das chaves que o guardavam. E cada um em silencio, agachado ante o cofre, cerrou a sua fechadura com força. Immediatamente Guannes, desannuviado, saltou na egua, meteu pela vereda d'olmos, a caminho de Retortilho, atirando aos ramos a sua cantiga costumada e dolente:

Olé! olé!

*Sale la crus de la iglesia,
Vestida de negro luto...*

II

Na clareira, em frente á moita que encobria o thesouro (e que os tres tinham desbastado a cutiladas) um fio d'agua, brotando entre rochas, cahira sobre uma vasta lage escavada, onde fazia como um tanque, claro e quieto, antes de se escoar para as relvas altas. E ao lado, na sombra de uma faia, jazia um velho pilar de granito, tombado e musgoso. Alli vieram sentar-se Ruy e Rostabal,

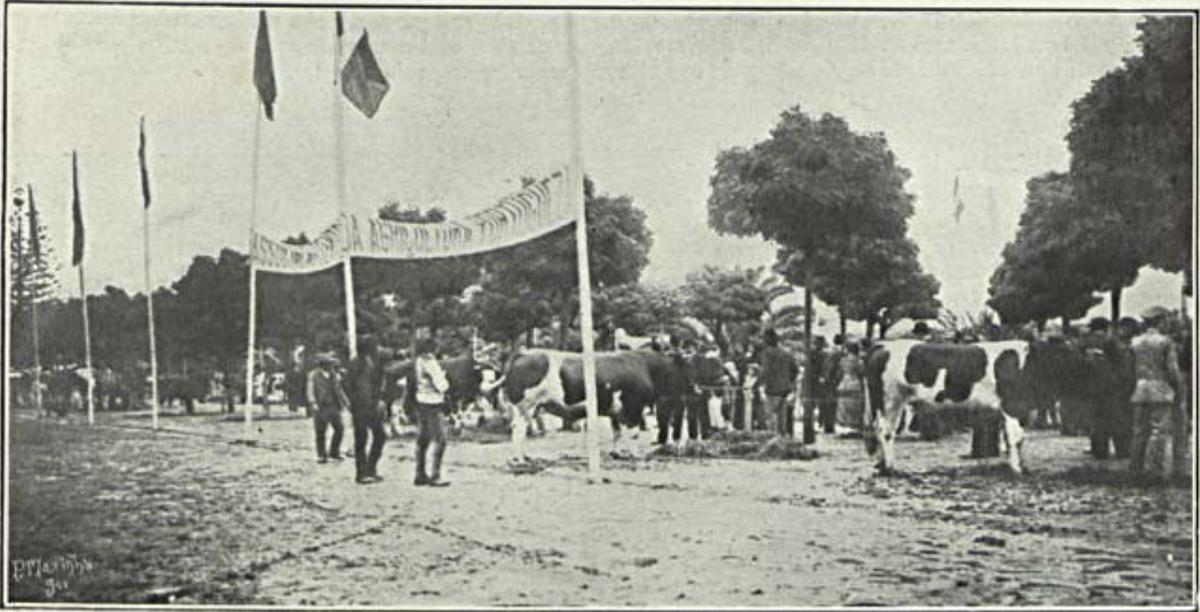
— Logo adiante, ao fim do trilho, ha um sitio bom, nos silvados. E has de ser tu, Rostabal, que és o mais forte e o mais destro. Um golpe de ponta pelas costas. E é justiça de Deus que sejas tu, que muitas vezes nas tavernas, sem pudor, Guannes te tratava de *cerdo* e de *torpe*, por não saberes a lettra nem os numeros.

— Malvado!

— Vem!

Foram. Ambos se emboscaram por traz de um silvado, que do-

O 3.º concurso pecuario promovido pela Associação de Agricultura



Aspecto da exposição

com os seus tremendos espadões entre os joelhos. As duas eguas tosavam a boa herva pintalgada de papoulas e botões de ouro. Pela ramaria andava um melro a assobiar. Um cheiro errante de violetas adoçava o ar luminoso. E Rostabal, olhando o sol, bocejava com fome.

Então Ruy, que tirára o *sombreiro* e lhe cofiava as velhas plumas róxas, começou a considerar, na sua falla avisada e mansa, que Guannes, n'essa manhã, não quizera descer com elles á matta de Roquelanes. E assim era a sorte ruim! Pois que se Guannes tivesse quedado em Medranhos, só elles dois teriam descoberto o cofre, e só entre elles dois se dividiria o ouro! Grande pena! Tanto mais que a parte de Guannes seria em breve dissipada, com rufões, aos dados pelas tabernas.

— Ah! Rostabal, Rostabal! Se Guannes, passando aqui sósinho, tivesse achado este ouro, não dividia connosco, Rostabal!

O outro rusnou surdamente e com furor, dando um puxão ás barbas negras:

— Não, mil raios! Guannes é sofrego. . . Quando o anno passado, se te lembras, ganhou os cem ducados ao espadeiro de Fresno, nem me quiz emprestar tres para eu comprar um gibão novo!

— Vês tu? — gritou Ruy, plandescendo. Ambos se tinham erguido do pilar de granito, como levados pela mesma idéa, que os deslumbrava. E, atravez das suas largas passadas, as hervas altas silvavam.

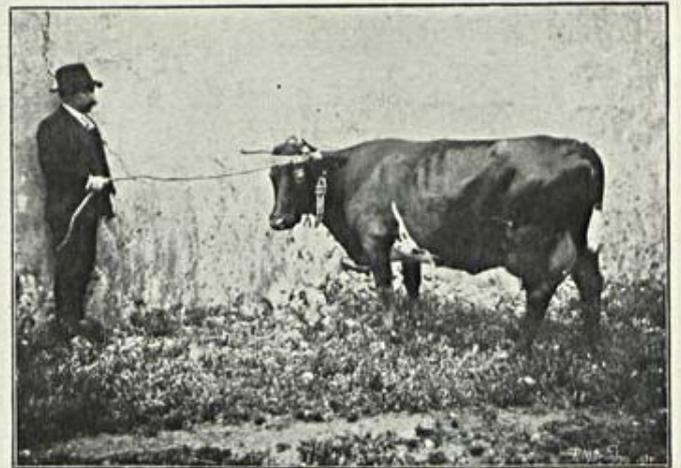
— E para que? — proseguia Ruy. — Para que lhe serve todo o ouro que nos leva? Tu não o ouves, de noite, como tosse? Ao redor da palha em que dorme, todo o chão está negro do sangue que escarra! Não dura até ás outra neves, Rostabal! Mas até lá terá dissipado os bons dobrões que deviam ser nossos, para levantarmos a nossa casa, e para tu teres ginetes, e armas, e trajas nobres, e o teu terço de solarengos, como compete, a quem é como tu, o mais velho dos de Medranhos. . .

— Pois que morra, e morra hoje! — Rostabal.

— Queres?

Vivamente, Ruy agarrára o braço do irmão e apontava para a vareda d'olmos, por onde Guannes partira cantando:

minava o atalho, estreito e pedregoso como um leito de torrente. Rostabal, assolapado na valla, tinha já a espada nua. Um vento leve arripiou na encosta as folhas dos alamos — e sentiram o re-pique leve dos sinos de Retortilho. Ruy, coçando a barba, calculava



O 3.º concurso pecuario promovido pela Associação de Agricultura

A vacca «Joiã», de raça turina, pertencente aos srs. José Marques Pereira & Irmão, que obteve o 1.º premio do concurso

(Phot. de A. C. Lima)

as horas pelo sol, que já se inclinava para as serras. Um bando de còrvos passou sobre elles, granhando. E Rostabal, que lhes seguira o vôo, recomeçou a bocejar, com fome, pensando nos empadões e no vinho que o outro trazia nos alforges.

Emfim! Alerta! Era, na vareda, a cantiga dolente e rouca, atirada aos ramos:

Olé! Olé!
Sale la crus de la iglesia
Toda vestida de negro...

Ruy murmurou: — «Na ilharga! Mal que passe!» O chouto da egua bateu o cascalho, uma pluma em um *sombrero* vermelhejou por sobre a ponta das silvas.

Rostabal rompeu dentre a sarça por uma brecha, atirou o braço, a longa espada; — e toda a lamina se embebeu mollemente na ilharga do Guannes, quando ao rumor, bruscamente, elle se virára na sella. Com um surdo arranco, tombou de lado, sobre as pedras. Já Ruy se arremessava aos freios da egua:

— Rostabal, caindo sobre Guannes, que arquejava, de novo lhe mergulhou a espada, agarrada pela folha como um punhal, no peito e na garganta.

— A chave! — gritou Ruy.

E arrancada a chave do cofre ao seio do morto, ambos largaram

descesse, com o ouro mettido nos alforjes, guiando a fila das eguas pelos trilhos da serra, subiria a Medranhos e enterraria na adega o seu thesouro!

E quando allí na fonte, e além rente aos silvados, só restassem, sob as neves de Dezembro, alguns ossos sem nome, elle seria o magnifico senhor de Mecendia. Ah! Guannes fóra bom mordomo — nem esquecera azeitonas. Mas, porque trouxera elle para tres convivas, só duas garrafas? Rasgou uma aza do capáo: devorava a grandes dentadas.

A tarde descia, pensativa e doce, com nuvemzinhas cór de rosa. Para além, na vereda, um bando de corvos grasnava.

As eguas fartas dormitavam com o focinho pendido. E a fonte cantava, lavando o morto.

Ruy ergueu á luz a garrafa de vinho. Com aquella cór velha e quente, não teria custado menos de tres maravedis. E pondo o gargalo á bocca, bebeu em sorvos lentos, que lhe faziam ondulações. De repente levou as mãos afflictas ao peito. Que é, D. Ruy? Raios de Deus! era um lume, um lume vivo, que se lhe accendera dentro e lhe subia até ás guelas. Já rasgára o gibão, atirava os passos

VISITANTES ILLUSTRES



Os almirantes ingleses sir Archibald Douglas, B. H. Bacon e M. Charles Ellis

(Phot. de A. C. Lima)

pela vareda — Rostabal adiante, fugindo, com a pluma do *sombrero* quebrada e torta, a espada ainda nua entalada sob o braço, todo encolhido, arrepiado com o sabor de sangue que lhe espirrara para a bocca. Ruy, atraz, puxando desesperadamente os freios da egua, que, de patas fincadas no chão pedregoso, arreganhando a longa dentuça amarella, não queria deixar o seu amo assim estirado, abandonado, ao comprido das sebes.

Teve de lhe espicar as ancas lazarentas com a ponta da espada; — e foi correndo sobre ella, de lamina alta, como se perseguisse um mouro, que desembocou na clareira onde o sol já não dourava as folhas. Rostabal arremessára para a relva o *sombrero* e a espada; e debruçara-se sobre a lage escavada em tanque, de mangas arregaçadas, sob a coxa, para tirar de dentro a terceira chave do cofre. Ruy solevou o corpo — e um sangue mais grosso jorrou, correu pela borda do tanque, fumegando.

III

Agora eram d'elle, só d'elle, as tres chaves do cofre!... E Ruy, alargando os braços, respirou deliciosamente. Mal a noite

incertos, e, a arquejar, com a lingua pendente, limpava as grossas bagas de um suor horrendo que o regelava como neve. Oh Virgem Mãe! Outra vez o lume, mais forte, que alastrava e roia! Gritou:

— Soccorro! Alguem! Guannes! Rostabal!

Os seus braços torcidos batiam o ar desesperadamente.

A chamma dentro galgava e sentia os ossos a estalarem como as traves de uma casa em fogo.

Cambaleou até á fonte para apagar aquella labareda, tropeçou, sobre Rostabal; e foi com o joelho fincado no morto arranhando a rocha, que elle entre uivos, procurava o fio de aguas que recebia sobre os olhos, pelos cabellos. Mas a agua mais queimava, como se fosse um metal derretido. Recuou, caiu para cima da relva que arrancava aos punhados, e que mordida, mordendo os dedos, para lhe sugar a frescura. Ainda se ergueu com uma baba densa a escorrer-lhe nas barbas; e de repente, esbalgando pavorosamente os olhos berrou, como se comprehendesse emfim a traição, todo o horror:

— E' veneno!

Oh! D. Ruy, o avisado, era veneno!

Porque Guannes, apenas chegára a Retortilho, mesmo antes de

comprar os alforjes, correu cantando a uma viella, por detraz da cathedral, a comprar ao velho droguista judeu o veneno que, misturado ao vinho, o tornaria a elle, a elle sómente, dono de todo o thesouro.

Anoiteceu. Dois c6rvos dentre o bando que grasnava, além nos silvados, já tinham pousado sobre o corpo de Guannes.

A fonte, cantando, lavava o outro morto.

quem a descobriu em 1601, segundo consta de um manuscrito encontrado na bibliotheca de Bruxellas e impresso no ultimo quartel do seculo passado.

Além d'isso, nas cartas e portulanos d'esse tempo, apparece desenhado, para o sul das ilhas de Sonda, das Celebes e das Molucas, o contorno d'uma terra muito larga em longitude, com denominações portuguezas e que não pode ser outra senão a Australia.

Assumptos militares

Cadetes dos regimentos de cavallaria n.ºs 2 e 4



Ractificação do juramento de bandeiras

(Phot. de A. C. Lima)

Meio enterrada na herva negra, toda a face de Ruy se tornara negra. Uma estrellinha no céo.

O thosouro ainda lá está, na matta de Roquelanes.

EÇA DE QUEIROZ.

A Australia

A Australia é a maior ilha do globo; pela sua enorme extensão é considerada um continente e com as numerosissimas ilhas do Pacifico que lhe estão mais ou menos proximas, constitue a parte do mundo a que se deu o nome de Oceania. O continente australiano é uma colonia ingleza que se governa autonomicamente, composta de cinco estados, Nova Galles do Sul, Victoria, Queensland, Australia Meridional e Australia Occidental. Cada um d'estes estados tem um governador e um parlamento composto de duas camaras: o conselho legislativo cujos membros, no 1.º e 3.º estados mencionados, são nomeados vitaliciamente pela cor6a ingleza e nos outros são eleitos por suffragio indirecto, e a camara dos deputados por eleição popular. Os cinco estados referidos, que tem forças militares proprias e alguns até pequenos navios de guerra, formam desde 1901, com a ilha Tasmania, muitissimo proxima do continente, uma especie de confederação sob a presidencia da cor6a ingleza.

A Australia foi descoberta pelos portuguezes. Não é afirmação que possa documentar-se de modo incontestavel. Ha porém todas as razões para crér que foi o portuguez Manoel Godinho Heredia

Os hollandezes que se attribuem a descoberta do continente australiano ao qual deram até o nome de Nova Hollanda, começaram a frequentar aquellas paragens nos primeiros annos do seculo XVII e, abordando a uma terra desconhecida, foram bem re-

A greve dos trabalhadores ruraes



No Terreiro do Paço — Os trabalhadores dos arredores de Lisboa

(Phot. de J. Benoliel)

Uma solemnidade religiosa na Igreja de Santa Izabel



As crianças que tomaram a primeira comunhão em grupo com o sr. arcebispo de Mitylene e reverendo dr. Santos Farinha, prior da freguezia

cebidos «por um povo branco semelhante aos portugueses, mal vestidos e cobertos com umas roupas tecidas de hervas, usando unicamente azagaias, arcos e flechas, mas bem provisionados. Es-

tes individuos empregavam grande numero de vocabulos portugueses e tinham em seu poder muita artilharia de bronze com as armas de Portugal.»

Distribuição de premios ás educandas do Asylo D. Pedro V



Grupo de educandas premiadas

(Phot. de A. C. Lima)

Difficil seria admitir que, tendo os portuguezes depois da descoberta das Molucas tanta navegação n'aquellas paragens, durante quasi todo o seculo XVI, antes portanto da chegada dos hollandezes, não tivessem descoberto o continente australiano. O que talvez tenha acontecido é que, tendo-o avistado naturalmente pela parte do norte, onde a costa australiana é n'uma grande extensão e a certa distancia para o mar eriçada de rochas de coral, tivessem preferido não correr a aventura de naufragio quasi certo n'um paiz que d'aquelle lado se lhes devia ter affigurado deserto e pouco tentador para quem tinha nas Molucas e n'outras ilhas especiarias que buscava.

Em 1607 Pedro Fernandes e Luiz Torres, com a mira em novos descobrimentos, atravessaram o estreito que separa a Australia da Nova Guiné e que ainda hoje tem o nome de estreito de Torres.

A Australia tem uma superficie de 2.934:500 milhas quadradas; 2.560 milhas de leste a oeste e 1:970 milhas de norte a sul; a costa desenvolve-se n'uma extensão de 9:620 milhas, não contando o contorno das bahias mais pequenas; portos naturaes e razoaveis só existem na parte leste, sueste e noroeste da costa; na parte nordeste e norte é a costa eriçada, como acima dissemos, de rochas de coral n'uma extensão approximada de 1:400 milhas.

O relevo orographico do continente australiano fal-o assemelhar-se a uma enorme caldeira. Bordado de montanhas a pequena distancia da costa, em toda a periphéria, de elevação media, com

E' um paiz extravagante, de surpresas e contrastes singularissimos. A zona perto do mar tem uma vegetação luxuriante e o interior é pobrissimo. Os eucalyptus, as acacias e as cazuarinas crescem a alturas desmedidas, muitas vezes até 150 metros. Outras arvores, porém, como o choupo, por exemplo, não exceedem a altura d'um arbusto; mas os fetos, as ortigas e outras plantas que nos nossos climas são simples arbustos, attingem ali dimensões de grandes arvores. E transportados para lá o milho, o algodão, o café, a oliveira, etc., dão-se magnificamente bem. No reino animal notam-se identicas extravagancias. Não ha na Australia animaes ferozes. O maior animal encontrado n'esse estranho paiz foi o kangurú. Dos ruminantes não existia nem um exemplar e quando para lá transportados acclimataram-se magnificamente. O gado lanigero para ali levado adquiriu uma tal finura de lãs que na Europa e na America nunca foi possível attingir.

Os cysnes da Australia são pretos, as aguias são brancas. A passarada apresenta uma plumagem variegada e deslumbrante. E' da Australia a ave do Paraíso.

Os indigenas são os homens mais estupidos que se conhecem á superficie da Terra e os que mais se approximam dos animaes irracionaes.

Parece que a natureza reservou aquelle canto do mundo para praticar disparates á vontade.

Na zona maritima chove com abundancia, mas não ha meio termo; a chuva cãe torrencialmente durante alguns dias, seguin-

NOTAS DE "SPORT"

Semana d'Armas



Grupo dos atiradores que tomaram parte na primeira prova

Os srs. Celestino Henriques, Antonio Angelo Pontes Leite, Joaquim Feliciano Padrel, Antonio J. C. Amaral, Fernando Correia e quatro alumnos do Collegio Militar

(Phot. de A. C. Lima)

excepção das Montanhas Azues na costa oriental que são muito elevadas, o interior do continente é uma vastissima planicie, com uma ou outra elevação aqui e ali, arida, secca, pobrissima de agua e vegetação, e tão baixa que o enorme valle de Murray e o lago Eyre, de agua salgada, se suppõem abaixo do nivel do mar.

do-se uma larga temporada de sol. No interior chove pouco; em alguns pontos, em grandes extensões, a aridez é tal que os torna em verdadeiros desertos.

O clima é tropical na parte norte, temperado e magnifico na parte sul.

A colonização inglesa data de 1788, mas então não passava de uma colônia penal estabelecida em Port-Jackson e assim esteve até 1803. Neste ano começou a desenvolver-se a indústria das lãs e em 1826 fundou-se uma companhia de agricultura. Pouco

tensas e fertilíssimas planícies em torno do golfo Spencer e porto Philipp e fundaram-se as cidades de Melbourne e Adelaide.

Em 1843 a Inglaterra deu á sua nova, mas florescente colônia, a autonomia com um governo representativo.

Assumptos religiosos

Os santos populares



Santo Antonio

(Celebre escultura em madeira, de J. Fernandes Caldas, existente na igreja da Ericeira)

mais ou menos por esse anno iniciou-se em Inglaterra um intensivo trabalho de propaganda em favor da colonização da Australia cujo magnifico clima e riqueza cultural do sólo na zona marítima, eram justamente gabados. De 1830 a 1840 descobriram-se as ex-

Descobriram-se depois as minas de ouro nos territorios dos estados: então provincias, da Nova Galles do Sul e Victoria e d'ahi por diante a colonização australiana caminhou rapida e seguramente.

Melbourne, capital do estado de Victoria, é hoje uma cidade de 500:000 habitantes; Sydney, capital da Nova Galles do Sul, conta 400:000; Adelaide, capital da Australia Meridional, 170:000.

As indústrias agrícolas, as explorações mineiras de ouro, cobre e estanho e a criação de gados, constituem as principais riquezas australianas.

O commercio da Australia, excluindo o que se faz entre os estados da confederação, é representado por 35.800:000 libras de importação e 44.100:000 libras de exportações.

A Inglaterra figura com 74 por cento da totalidade das importações australianas e com 77 por cento nas exportações. Na tonelagem total dos navios que frequentam os portos da Australia, a Inglaterra figura com a percentagem de 86 por cento.

O solo do continente, na parte sul, leste a oeste, é atravessado em todas as direcções por linhas férreas, cujo comprimento total attinge 26:950 kilometros.

A Australia é hoje uma das colonias mais florescentes do grande imperio britânico. Colonia é talvez termo improprio, porque não tem hoje essa classificação. Como acima dissémos, os estados australianos formam desde 1901 uma especie de confederação sob a presidencia da corôa ingleza.

Pensamentos

Para um homem de talento basta uma mulher de bom senso. Dois talentos n'uma casa, são de mais.

BENALD.

Ha tres remedios para o amor: a fome, o tempo e uma corda.

CRATES.

Colloquio entre Eiros e Charmion

EIROS. — Porque me chamas Eiros?

CHARMION. — Porque assim te chamarás de hoje para o futuro. Esquece igualmente o meu nome terrestre e chama-me Charmion.

EIROS. — Não será isto um sonho?

CHARMION. — Não ha sonhos onde agora estamos; mas deixemos por emquanto esses mysterios. Alegro-me de vêr em ti o aspecto da vida e a lucidez da razão. As cataractas da sombra desappareceram já dos teus olhos. Anima-te e não temas nada; os

dias da estupefacção passaram para ti. A'manhã, eu propria quero introduzir-te nas alegrias perfeitas e nas maravilhas da tua nova existencia.

EIROS. — Effectivamente não sinto a minima estupefacção. A vertigem e as trevas deixaram-me de todo; já não ouço aquelle barulho insensato, precipitado, terrivel, semelhante ao rugido do mar. Comtudo, Charmion, sobressalta-me a percepção do novo.

CHARMION. — Isso ha de te passar depressa; comprehendo a commoção que sentes; por tudo isso eu passei ha de haver uns dez annos terrestres; e ainda não pude perder a lembrança d'esse alvoroço intraduzivel. Mas é o teu ultimo transe, o unico pelo qual hajas de passar no céu.

EIROS. — No céu?

CHARMION. — Sim, no céu.

EIROS. — Oh! meu Deus, tende piedade de mim! Sinto-me esmagada pela magestade de tudo o que me rodeia, pela revelação do desconhecido; pelo Futuro, hontem vaga conjectura, convertido hoje no Presente augusto e certo.

CHARMION. — Não te entregues por ora a semelhantes pensamentos; amanhã falaremos n'isso. As recordações do passado acalmarão melhor a agitação do teu espirito vacillante. Não olhes em redor de ti, nem tão pouco para a frente; olha para traz. Estou ansiosa por ouvir a narrativa do acontecimento prodigioso que te trouxe aqui; conta-me isso. Conversemos em cousas familiares e falemos a antiga linguagem d'esse mundo, que acaba de peccar de um modo tão espantoso.

EIROS. — Espantoso, sim, e real! não é sonho.

CHARMION. — Os sonhos acabaram para nós. Mas conversemos, minha Eiros. Primeiro que tudo diz-me, quando eu morri chorou-se muito por mim lá na terra?

EIROS. — Oh! profundamente, Charmion. A tua familia nunca mais teve alegria. Até á hora da destruição, pezou sempre sobre nós uma nuvem intensa de saudade e de melancolia.

CHARMION. — Fala-me d'essa ultima hora. Além do simples facto da catastrophe, não sei de nada. Na época em que saí da fila dos humanos, para entrar nos dominios da noite, parece-me que não se pressentia ainda a catastrophe, que vos submergiu. Mas é verdade que eu estava pouco ao corrente da philosophia especulativa do tempo.

EIROS. — Dizes bem. Aquella catastrophe era absolutamente inesperada; entretanto accidentes analogos haviam desde muito suscitado discussões entre os nossos astrónomos. Não preciso di-

S. JORGE E O DRAGÃO



Quadro de João Francisco Penni, existente no museu de Dresde

A gravura que publicamos n'esta pagina representando S. Jorge e o dragão, copia de um notavel quadro, traz-nos á memoria a procissão do Corpo de Deus que este anno e pela primeira vez depois de muitos seculos deixou de se realisar em Lisboa.

Embora já muito decaida do seu antigo esplendor, a procissão do Corpo de Deus representava ainda o culto d'uma velha tradição ao mesmo tempo religiosa, civica e guerreira, porque todos estes aspectos revestia, em tempos antigos, o apparatuso cortejo que todos os annos, por esta epoca, desfilava pelas ruas da capital.

Concurso para a apresentação de desenhos de estampilhas postaes para uso da Republica Portuguesa



Desenho de Constantino Fernandes
(1.º premio)

O «Brasil-Portugal» archiva hoje nas suas paginas alguns dos projectos apresentados no concurso de estampilhas postaes, para uso da Republica Portuguesa, que ha tempo se realizou. O facto que é digno de registo, porque o resultado do concurso provocou reparos quanto á justiça das classificações, tem ainda a dar-lhe valor os tres aspectos sob que pode ser encarado: artistico-philatelico e historico.

zer-te, minha amiga, que mesmo na época em que nos deixaste, já os homens interpretavam as passagens da escriptura sagrada, que falam da destruição de todas as cousas pelo fogo, como referindo se ao globo terrestre. Mas, com respeito ao agente immediato da ruína, o pensamento humano perdia-se em conjecturas, desde a época em que a sciencia astronomica despojára os cometas do seu terrivel caracter incendiario. A insignificante densidade d'esses corpos havia sido evidentemente demonstrada. Tinhamol-os visto atravessar os satellites de Jupiter sem causar a minima alteração nas orbitas d'esses planetas secundarios. Havia muito tempo que os olhavam como viajantes inoffensivos, creações vaporosas, de uma tenuidade inconcebivel, incapazes de prejudicar o nosso globo massiço, mesmo no caso de um contacto. Portanto, a idéa de procurar na classe dos cometas o agente igneo da destruição propheetisada, era desde longos annos considerada como inadmissivel.

Mas ultimamente o espirito do maravilhoso e as imaginações bizarras, predominavam singularmente na humanidade e, posto que o receio verdadeiro não pudesse atacar senão os ignorantes, todavia, quando os astrónomos annunciaram um cometa novo, esse annuncio foi geralmente recebido com uma especie de agitação e de desconfiança.

Os elementos do astro estrangeiro tendo sido logo examinados, todos os observadores reconheceram, de commum accordo, que a marcha devia trazel-o, no perihelio, a uma proximidade quasi immediata da Terra. Houve dois ou tres astrónomos de reputação

secundaria que sustentaram resolutamente que o contacto era certo. Não te posso descrever o effeito que aquella noticia produziu no mundo. Durante alguns dias recusámo-nos a acreditar uma asserção, que a intelligencia humana, materialisada nas considerações mundanas, não podia comprehender. Mas a verdade, quando se trata de um facto de importancia vital, penetra depressa nos espiritos, por mais espessos que estes sejam. Por fim toda a gente viu que a sciencia astronomica não mentia.

Esperámos o cometa. Primeiro, a sua aproximação não foi sensivelmente rapida, nem o seu aspecto apresentou nada de notavel. Era de um vermelho escuro, e tinha uma cauda regular. Durante sete ou oito dias o seu diametro apparente não soffreu augmento sensivel; a côr é que variou um pouco. Entretanto, todos os negocios e occupações ordinarias foram abandonados, absorvidos por uma discussão immensa, que se travou entre os sabios relativamente á natureza dos cometas. Os homens mais grosseiros e mais ignorantes elevaram as suas faculdades mesquinhas até áquellas altas considerações. Os sabios empregaram então toda a sua intelligencia, todo o seu saber, toda a sua energia, não para diminuir o receio, não já para sustentar uma theoria predilecta, mas para procurar a verdade; a verdade e nada mais! Consumiram-se a procurar-a! Chamaram em altos brados a sciencia perfeita! A verdade ergueu-se na pureza da sua força e da excessiva magestade! Os sabios inclinaram-se e adoraram-a.

A opinião de que pudesse resultar do contacto temido um prejuizo real para o nosso globo ou para os seus habitantes, todos os dias perdia terreno entre os sabios. Fôra demonstrado que a densidade do nucleo do cometa era muito inferior á das camadas mais altas da nossa atmospheria. A passagem inoffensiva de um visitante semelhante através dos satellites de Jupiter, era um ponto sobre o qual se insistia constantemente e que não serviu de pouco para diminuir o terror. Os theologos, com um zelo animado pelo medo, persistiam nas propheetias biblicas, explicando-as ao povo com uma rectidão e uma simplicidade, da qual até alli nunca haviam dado exemplo. A destruição final da terra, devia operar-se pelo fogo, diziam elles com uma eloquencia que impunha por toda a parte a convicção. — mas os cometas não eram de natureza ignea. Essa verdade, que ninguem ignorava já, punha-nos ao abrigo de rejeiar, por agora, a grande catastrophe propheetisada.

E' notavel que os erros e os preconceitos populares relativos ás pestes e ás guerras, preconceitos que resuscitavam de cada vez



Concurso de estampilhas postaes
Desenho de Arthur Mello
(1.º premio)

(Phot. de J. Beno'iet)

que apparecia um cometa novo, não tivessem figurado então. Parece que o bom senso, fazendo um esforço supremo, derrubára, de repente, do throno a superstição. O excesso do interesse actual havia dado energia até ás intelligencias mais fracas.

Os desastres de pequena gravidade, que podiam resultar do contacto, foram assumpto de laboriosas discussões. Os sabios falavam de ligeiras perturbações geologicas, de alterações provaveis nos climas e por conseguinte da vegetação, da possibilidade de

sava a de qualquer apparição de que houvesse memoria. O mundo então, privado da ultima esperança (de que os astrónomos podiam ter-se enganado), sentiu toda a certeza da desgraça. O terror tinha perdido o seu caracter chimerico; os corações mais valentes



Concurso de estampilhas postaes
Desenho de Costa Motta, filho
(2.º premio)



Concurso de estampilhas postaes
Desenho de Simões de Almeida, sobrinho
(2.º premio)

influencias magneticas e electricas. Muitos sustentavam que não se produziria effeito algum visivel.

Em quanto estas discussões continuavam, o objecto d'ellas avançava progressivamente, dilatando-se de um modo visivel e

da nossa raça palpitavam de medo, e poucos dias bastaram para converter essas primeiras provações em receios mais intoleraveis ainda.

Não podiamos já applicar ao meteoro estrangeiro as noções



Concurso de estampilhas postaes
(Menção honrosa)



Concurso de estampilhas postaes
(Menção honrosa)

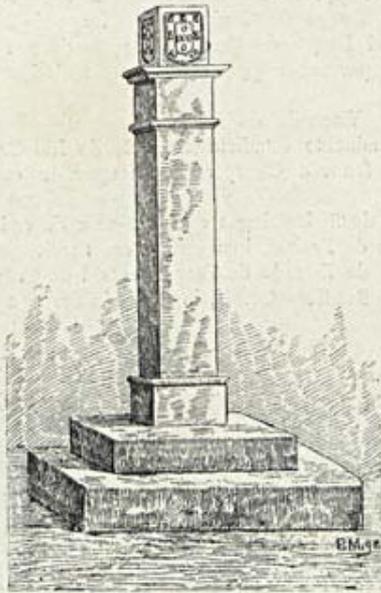
(Pl. ot. de J. Benoliel)

augmentando de esplendor. A' sua approximação toda a humanidade empallideceu. Suspenderam-se todos os trabalhos terrestres.

Houve uma phase assignalada no curso do sentimento geral: foi quando o cometa attingiu enfim uma grandeza, que ultrapas-

ordinarias. Os seus attributos historicos haviam desaparecido; o seu aspecto terrivel opprimia-nos pela novidade da emoção. Viá-mol-o, não já como um phenomeno astronomico no céu, mas como um pezadello, que nos esmagava o coração; como uma sombra

PELOURINHOS



O pelourinho de Fróssos

A já hoje extincta villa de Fróssos, pertencente á comarca de Albergaria-a-Velha, acha-se situada a dois kilometros da margem direita do rio Vouga, que ali fórma uma bella lagóa, navegavel, com 450 metros de comprimento e 260 de largura, em que abunda bastante peixe.

Teve foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 22 de março de 1514, que n'elle lhe dá o nome de *Faroços*.

Possue ainda esta terra o seu antigo pelourinho, como que a attestar aos presentes a sua velha autonomia local.

Encontra-se o pelourinho quasi todo coberto de musgo, o que talvez tenha sido como que um resguardo, a poupar o vetusto monumento á sorte de outros seus congéneres, destruidos uns por vandalismo, outros por crassa ignorancia, ainda outros pela mal entendida pretensão de modernisar...

O pelourinho, que tem 2^m,75 de altura, não incluindo os degraus, é, como a gravura bem indica, de architectura singela mas original.

Compõe-se de uma columna quadrada, lisa, com dois degraus tambem quadrados e com um capitel igualmente quadrado, tendo em cada uma das quatro faces o escudo das armas portuguezas, sem a menor indicação de ter possuido outro qualquer ornato além dos referidos escudos.

E' este pelourinho um dos mais curiosos pela sua architectura e o segundo que conhecemos n'este genero, não sendo poucos já os que temos conseguido vêr e os de que temos colleccionado photographias ou desenhos.

O primeiro que vimos, foi o de *Serem*.

A gravura que publicamos n'este numero é feita segundo um desenho com que obsequiosamente nos brindou o sr. João Baptista Duarte Moreira, de Aveiro.

SILVA LEAL.

medonha, pairando sobre as nossas cabeças. A sua fórma agora era a de um manto gigantesco de chammas vermelhas, sobre-extendido sobre a terra em todas as direcções.

Passou mais um dia; os homens respiraram melhor. Era evidente que estavamos já sob a influencia do cometa, e viviamos ainda! Gosavamos até de uma elasticidade de membros e de uma vivacidade de espirito anormaes. A excessiva tenuidade do objecto terrível era manifesta, porque através d'elle viamos distinctamente todos os corpos celestes. Ao mesmo tempo a vegetação prodigiosamente alterada, augmentava a nossa fé nas palavras dos sabios, que haviam predicto aquella circumstancia. Os vegetaes ostentavam repentinamente uma superabundancia de folhagem desconhecida até então.

Passou-se outro dia. O flagello não estava absolutamente sobre nós; mas já se conhecia que o nucleo era a primeira parte do

cometa que devia tocar-nos. Os homens soffreram então uma alteração nova; a primeira sensação de *dôr* foi o rebate terrível das lamentações e de horror geral. Esse primeiro sentimento de *dôr* consistia n'uma constrictão cruel do peito e dos pulmões e n'uma seccura de pelle insupportavel. Não se podia negar que a nossa atmosphaera estava radicalmente atacada; a composição da atmosphaera e as modificações a que podia estar sujeita, foram desde logo os pontos de discussão. O resultado do exame foi um estrelecimento electrico de terror intraduzível, através do coração universal do homem.

Sabia-se, desde longo tempo, que o ar que nos envolvia era composto de vinte e uma partes do oxygenio e setenta e nove de azote. O oxygenio, principio da combustão e vehiculo do calor, era absolutamente necessario á manutenção da vida animal e representava o agente mais poderoso e mais energico da natureza. O azote, ao contrario, era *improprio* para sustentar a vida ou a combustão animal. Do augmento anormal do oxygenio devia resultar a elevação da vitalidade, que nós tinhamos já experimentado. Era a idéa d'essa ampliação continuada e levada ao extremo, que creava o terror. Que devia resultar da extracção total do azote? Uma combustão irresistível, devoradora, omnipotente, immediata! O cumprimento terrível e exacto das prophcias flammejantes do Livro Santo.

Preciso pintar-te, Charmion, o desespero phrenetico que se apoderou então dos homens? A tenuidade da materia do cometa, que fôra primeiro a nossa esperanza, era agora a nossa desesperação. Na sua natureza impalpavel e gazosa, percebiamos claramente e consumação do destino.

Passou-se ainda um dia; mas esse dia levou consigo a ultima sombra de esperanza! A rapida modificação do ar suffocava-nos; o sangue revolvía-se-nos tumultuosamente na veias. Os homens arrebatados n'um delirio furioso, erguiam os braços inteiriçados para o céu ameaçador, soltando gritos lancinantes.

Comtudo, o nucleo exterminador estava agora sobre nós! Mesmo aqui, no céu, não posso fallar d'isso sem tremer! Serei breve; breve como uma catastrophe. Durante um momento, não se viu mais que uma luz extranha, lugubre, que nos envolvia por todos os lados. Depois (prostrámos-nos, Charmion, ante a suprema magestade do Deus todo poderoso!), depois ouviu-se um som estrepitoso, que echoou por toda a terra, tremendo, penetrante, como se houvesse sahido da propria bócca do Creador! E toda a massa de ether que nos cercava flammejou, de repente, n'uma labareda intensa, cuja luz maravilhosa e devorante calor não teem nome, nem mesmo entre os anjos, no céu, onde a sciencia é pura!

Assim acabou o mundo.

EDGAR POE.

A tua carta

A tua carta de hoje: — «*Meu amor não parto por enquanto; espera uns dias...*» lançou-me nas mais fundas agonias e a minh'alma triste encheu de *dôr*.

Para te receber (vê que fervor!...) meu coração vestira de alegrias, como na aldeia fazem ao andor que tem de figurar nas romarias.

« — *Tem paciencia, espera. De saudade o meu coração morre...* » E a claridade que a enchia, tudo illuminou.

Tanta os teus olhos lindos encerravam que até as letras que a tua mão traçou quatro dias depois me illuminavam.

MARIO SALGUEIRO,

Lisboa — 1910.

Os homens fazem as leis; as mulheres fazem os costumes.

DE SEGUR.

Os bambús

Mais que o crysanthemo, o bambú, é por excellencia, a planta nacional da China e do Japão: serve ali para todos os usos, desde a construcção de casas e fabrico de mobiliarios, de delicados objectos de uso pessoal e dos mais trabalhados *bibelots*, até ao enfeite dos jardins e dos tumulos e ao preparo de variadas iguarias deliciosas ao paladar.

Natatalis de Rondote, apontando os variados empregos que o bambú tem na China, diz:

Os rebentos dos bambús, tenros e delicados, fornecem um legume muito estimado, que se prepara de modos diversos; é, porém, muito em especial cosinhado como os es-pargos, que até certo ponto substituem.

Os chinezes fazem com os rebentos dos bambús, conservas e doces tidos em alto preço.

Estes rebentos, na época propria, vendem-se em todos os mercados chinezes, onde são muito procurados pelas pessoas ricas, que os pagam sempre por preços elevados; é o principal alimento dos padres de Boudha, que fazem votos de abstinencia.

As especies do bambú utilizadas na China e no Japão, sob o ponto de vista alimentar, são ali conhecidas pelos nomes *mó, só, Metach, affecthicu e Madahé*.

O dr. Lêne, no seu curioso volume sobre os productos vegetaes do Japão, diz que os japonezes dão aos rebentos do bambú o nome de *Techenochó*.

Assumptos brasileiros

Na cidade do Rio de Janeiro erguem-se nove estatuas de homens que se distinguiram por serviços prestados ao paiz.

A mais antiga é a de D. Pedro I, levantada no outr'ora Rocio e hoje praça Tiradentes. O desenho é de João Maximiano Mafra, professor da Escola de Bellas Artes, e foi executado com modificações pelo esculptor francez Luiz Rochet. Foi inaugurada solememente a 30 de março de 1862.

No largo de S. Francisco de Paula encontra-se a de José Bonifacio de Andrade e Silva, o patriarcha da Independencia. Trabalho de Luiz Rochet, feito por iniciativa do Instituto Historico e por subscrição popular. Inaugurada a 7 de setembro de 1872, para commemorar o meio centenario da independencia do Brasil.

Em frente da antiga Escola de Bellas Artes vê-se a do grande actor dramatico João Caetano dos Santos, inaugurada em 3 de maio de 1891. Trabalho de Chaves Ribeiro.

Na praça 15 de Novembro, antigo largo do Paço, destaca-se a do legendario general Osorio. Foi inaugurada a 12 de novembro de 1894. Trabalho do esculptor Rodolpho Bernardelli, feito por subscrição popular. Na crypta do monumento descança o corpo do grande guerreiro.

Na praça José de Alencar acha-se a do eximio romancista de

igual nome, o auctor do *Guarany* e de *Iracema*. Inaugurada em 1 de maio de 1897. Trabalho de Rodolpho Bernardelli.

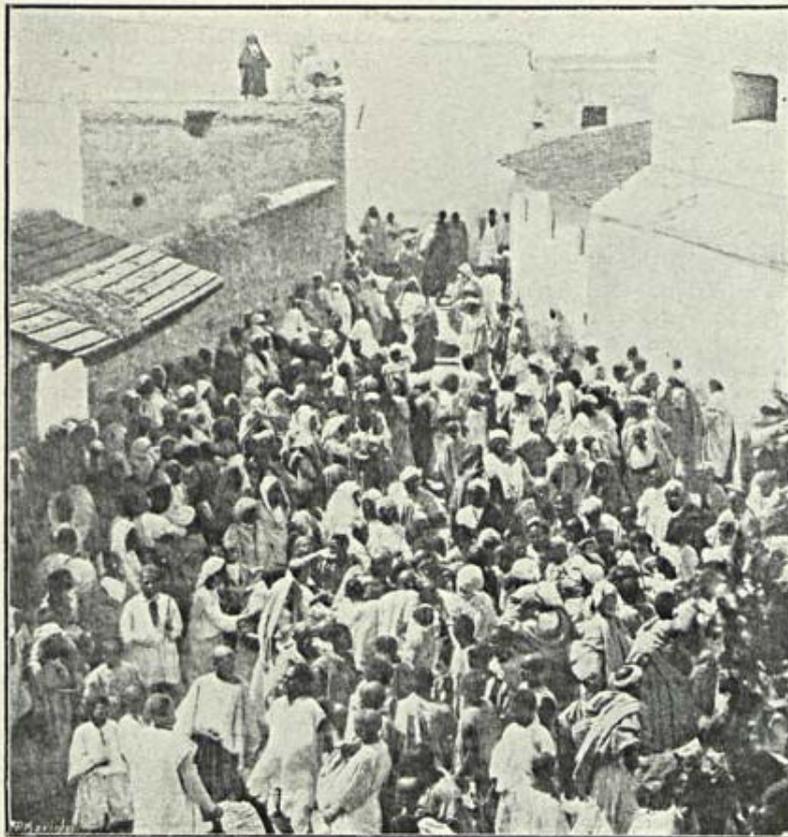
Na praça Duque de Caxias, antigo largo do Machado, figura a do marechal Duque de Caxias. Inaugurada a 15 de agosto de 1899 e feita por subscrição popular. O trabalho é de Rodolpho Bernardelli.

Na praça Visconde do Rio Branco, antigo largo da Gloria, vê-se a do eminente estadista visconde do Rio Branco, trabalho do esculptor francez Charpentier, inaugurada em 13 de maio de 1902.

No largo de S. Domingos encontra-se a do eminente jurisculto Teixeira de Freitas, inaugurada em 1906.

Em frente da Estrada de Ferro Central do Brasil destaca-se a de Christiano Benedicto Ottoni, inaugurada em 1909, por occasião das festas do jubileu da mesma Estrada. Ottoni foi o primeiro director d'essa via ferrea.

A revolta no imperio de Marrocos



Montanhezes fanaticos commentando os acontecimentos nas ruas de Fez

A idéa republicana no Brasil não surgiu em Minas na *Conspiração de 1789*, como muitos supõem. Em 1710, em Pernambuco, por occasião da chamada *guerra dos mascates*, o pernambucano Bernardo Vieira de Mello, proclamou a republica no senado de Olinda; preso e enviado para Lisboa em 1712, foi recolhido á cadeia do Limoeiro, onde morreu cheio de tormentos e opprobrios.

Em 1907 a extensão da réde telegraphica federal era de 28.358:162 kilometros.

A 5 de fevereiro de 1895 foi resolvido a favor do Brasil, o litigio entre o Brasil e a Argentina sobre o territorio das Missões. O arbitro foi Cleveland, presidente dos Estados Unidos. A memoria dos

direitos do Brasil foi escripta pelo barão do Rio Branco, ministro em missão especial. Representou a Argentina no pleito, o dr. Estanislau Zeballos.

A Casa do Coração

O coração tem dois quartos;
Nelles moram, sem se ver,
Num — a dôr — noutro — o prazer.

Quando o prazer em seu quarto
Accorda, cheio de ardôr,
No seu adormece a dôr.

Cuidado, prazer! Cautella!
Fala e ri mais devagar.
Não vás a dôr accordar!

ANTHERO DE QUENTAL.